

Matérias do Setor

Abiplast projeta expansão de demanda de dois dígitos

Atrelado ao aumento do consumo por bens eletroeletrônicos, autopeças e automóveis, o segmento conhecido como plásticos de engenharia apresenta perspectivas positivas para os próximos anos. Essa é a opinião do presidente da Associação Brasileira da Indústria de Plástico (Abiplast), José Ricardo Roriz Coelho.

Segundo Roriz, a demanda tem crescido acima de dois dígitos no Brasil. São várias as aplicações dos plásticos de engenharia. Além das peças de carros e eletroeletrônicos, monitores cardíacos, equipamentos esportivos, secadores de cabelo, estão entre alguns dos objetos que utilizam a matéria-prima.

Em termos absolutos, no entanto, o setor no Brasil ainda é pequeno. Segundo os últimos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), referentes a 2008, a produção no país totalizava 93 mil toneladas.

"Os maiores produtores desse tipo de plástico estão na Europa, EUA e, agora, na Ásia", explica Roriz. A maioria das empresas do país importa a matéria-prima. Dados elaborados pela Abiplast mostram que foram compradas do exterior cerca de 210 mil toneladas de plásticos de engenharia no ano passado.

Fonte: Valor Econômico

Defensiva, indústria de transformação planeja investir 4,7% menos em 2011

A indústria de transformação planeja investir menos neste ano do que em 2010, em decorrência das dificuldades impostas pela combinação da maior concorrência do produto importado, dos juros em alta e da carga tributária elevada. Segundo pesquisa realizada pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) com 1.220 empresas no Estado de São Paulo, das quais boa parte tem atuação também em outros Estados, os investimentos em máquinas e equipamentos, instalações, inovação, gestão e pesquisa e desenvolvimento (P&D) devem atingir R\$ 167,1 bilhões em 2011, 4,7% a menos do que o registrado no ano passado.

O levantamento de 2010 apontou aumento de 26,4% das inversões sobre o ano anterior, número em parte inflado pela fraca base de comparação, uma vez que a crise global derrubara o investimento em 2009. A queda nas intenções de investimento neste ano é maior nas empresas de grande porte, de 5,6%, para R\$ 127,2 bilhões. As médias, por sua vez, devem investir R\$ 26,3 bilhões, ou 3,3% a menos que no ano passado. Só nas pequenas deve haver aumento, de 1,1%, para R\$ 13,7 bilhões.

Além da queda no volume a ser investido, a pesquisa deste ano indica uma estratégia mais defensiva da indústria de transformação: o investimento deve focar principalmente em redução de custos, aumento da eficiência e diferenciação dos produtos, e não em elevar a produção, diz o diretor titular do Departamento de Competitividade e Tecnologia (Decomtec) da Fiesp, José Ricardo Roriz Coelho.

"O investimento na economia brasileira deve crescer nos setores de petróleo e gás, infraestrutura e construção, mas, na indústria de transformação, a situação é mais difícil", afirma Roriz. Segundo ele, a perspectiva de que o câmbio siga valorizado por muito tempo afeta a competitividade das exportações brasileiras e facilita a entrada de produtos importados. Também atingidas pelo novo ciclo de alta dos juros e pelos pesados custos tributários, as

empresas manufatureiras deverão deixar em segundo plano o aumento dos volumes de produção, afirma Roriz.

Numa enquete com respostas múltiplas, em que é possível assinalar mais de um item, a diminuição de custos aparece como o principal objetivo do investimento em 2011, citado por 58% das empresas entrevistadas, um avanço considerável em relação aos 50% de 2010. Em segundo lugar, aparece a intenção de aumentar a produtividade, que subiu de 45% no ano passado para 52% neste ano. Já o aumento do faturamento e da rentabilidade, apontado em 2010 como o principal objetivo da indústria, citado por 61% dos entrevistados, aparece como uma das prioridades apenas para 49% neste ano.

Dos R\$ 167,1 bilhões que as indústrias consultadas planejam investir neste ano, a maior fatia, de R\$ 122,4 bilhões, será destinada a máquinas e equipamentos e instalações, que compõem a formação bruta de capital fixo (FBCF) na economia. Esse valor, porém, é 7,3% inferior ao registrado no levantamento de 2010. O resultado indica que a FBCF, que avançou 21,8% no ano passado, não contará com o impulso da indústria de transformação em 2011, diz Roriz.

A pesquisa mostra que também recuaram as intenções de investimento em gestão e P&D. A única área em que as inversões devem ser maiores que no ano passado é na de inovação - alta de 16,6%. Para Roriz, a elevação dos investimentos em inovação sugere que as empresas deverão tentar diferenciar produtos, estratégia importante para competir com os importados.

Entre os fatores que mais limitam o investimento, três se sobressaem. Três quartos das empresas reclamam da carga tributária elevada, oito pontos percentuais a mais que os 67% de 2010. A taxa Selic, em alta neste ano, é motivo de queixas de 45% das companhias consultadas, um forte aumento em relação aos 31% do ano passado. A perda de mercado para produtos importados, por fim, prejudica as inversões de 31% das indústrias - em 2010, eram 22%.

Para Roriz, os números apontam para a importância de o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) voltar-se preferencialmente à indústria de transformação. Empresas ligadas a commodities, como de petróleo, precisam menos de recursos do banco do que as empresas manufatureiras, diz ele. "Com isso, o banco ajudaria a indústria de transformação a atender o consumo da classe média em ascensão."

Apesar da queda de 4,7% nas intenções totais de investimento, a pesquisa mostra que a demanda das empresas por recursos públicos para financiar as inversões subiu de R\$ 29,5 bilhões em 2010 para R\$ 37,1 bilhões em 2011. Ele também aponta como prioritário tornar permanente o Programa de Sustentação do Investimento (PSI), que financia as inversões a taxas mais baixas e foi importante para a recuperação da FCBF, especialmente a partir da metade de 2009.

Para o presidente da Fiesp, Paulo Skaf, a pesquisa "dá números ao que a indústria diz há muito tempo": "Diante dos constantes aumentos da Selic e da valorização do câmbio, a indústria de transformação deverá reduzir seu investimento em 2011. Temos que reverter esse quadro, caso contrário haverá perda de capacidade de produção futura da economia, o que comprometerá o crescimento e a geração de empregos nos próximos anos." Para Skaf, também é importante aproveitar o momento e desengavetar a reforma tributária. Na semana que vem, a Fiesp deve apresentar aos ministérios da Fazenda e do Desenvolvimento uma proposta detalhada de desoneração da folha de pagamentos.

Fonte: Valor Econômico

Resina verde chega ao dia-dia do consumidor

"Decidimos nos preparar para o novo comportamento focado no meio ambiente", afirmou Rafael Costa, o presidente da Embalixo, fabricante de sacos de lixo. O uso do plástico fabricado a partir da cana-de-açúcar, por isso batizado de "verde", vem ganhando espaço na indústria de consumo. Com forte apelo ecológico, a resina verde atrai principalmente o público de alta renda. Já é usado em sacos de lixo e logo chegará aos supermercados levando iogurtes e às praias nos tubos de protetor solar.

A Braskem, a única produtora de polietileno renovável no mundo, admite uma expansão da demanda por parte das companhias de embalagens alimentícias, higiene e limpeza, cosméticos e fabricantes de sacos e sacolas de supermercados. A empresa, que costuma fechar acordos de exclusividade com esses clientes, está em conversações ainda com a indústria automobilística, que busca substituir peças de metais dos automóveis por peças de plástico.

Acreditando na conscientização do consumidor com relação à redução do uso de produtos derivados de petróleo, a Embalixo, fabricante de sacos de lixo, é uma das empresas que

adotou a resina verde. A companhia colocou no mercado em fevereiro os sacos feitos a partir da matéria-prima renovável. "Decidimos nos preparar para o novo comportamento focado no meio ambiente", afirmou o presidente da empresa, Rafael Costa.

A empresa vende cerca de 130 toneladas de saco verde por mês, enquanto a venda do saco feito de polietileno tradicional (a partir do petróleo) está no patamar de 300 toneladas por mês. Até o fim deste ano, a companhia espera vender cerca de 2 mil toneladas do produto verde e 3,6 mil toneladas do saco de petróleo.

A projeção está baseada na redução da utilização das sacolinhas de supermercado - que muitas pessoas acabam usando como saco de lixo - principalmente por parte das classes de alta renda. A Embalixo acredita que os produtos diferenciados têm boa aceitação nesse público e, para ganhar mercado, projeta investimentos de R\$ 1,5 milhão para a divulgação do novo produto.

O argumento mais importante na defesa da resina verde (principalmente na hora do marketing) é realmente o ambiental. Dados do mercado apontam que na fabricação de uma tonelada de polietileno de cana-de-açúcar, se retira 2,5 toneladas de carbono do ar.

Em época de petróleo caro, outra grande vantagem da matéria-prima é a possibilidade de aplicá-la em qualquer produto que antes utilizava polietileno tradicional, já que ambas resinas têm as mesmas características. Desse modo, são poucas as adaptações que os fabricantes que utilizam o plástico verde têm de fazer em suas linhas de produção. "Nossa unidade pode ser convertida tanto para produzir o saco renovável, quanto o comum", explicou Costa.

O setor de alimentos também se beneficia dessa característica. A Danone promete colocar neste primeiro semestre os lácteos Activia e o Danoninho em garrafinhas de polietileno verde. Neste momento, a adoção da matéria-prima encontra-se em fase de validação fabril, ou seja, estão sendo testadas suas características e formas de adaptação dentro das linhas de produção. "Acreditamos que não é necessária grande adaptação (de nossa produção) para receber a embalagem de resina verde. E não voltamos atrás: queremos usar materiais sustentáveis em nossos produtos", contou a diretora de sustentabilidade da empresa, Adriana Matarazzo.

Por outro lado, a desvantagem da resina verde fica por conta do preço. De 20% a 50% mais cara do que a matéria-prima originada do petróleo, o produto pesa sobre os negócios das empresas. Para colocar o saco de lixo renovável no mercado e torná-lo competitivo, a Embalixo, por exemplo, absorveu completamente esse custo e lançou o produto final em preço semelhante ao comum. Agora, as expectativas da companhia é que as vendas cresçam e tornem possíveis ganhos de escala produtiva, para que não seja necessário um aumento futuro do preço do saco de lixo verde. "Até agora não temos margem, mas acreditamos que no segundo semestre já começaremos a ter", afirmou Costa, que prevê que o faturamento da empresa deva avançar 40% neste ano, sendo que mais da metade desse crescimento deverá ser originado pelo produto sustentável.

A J&J também acredita no apelo mercadológico e no aumento das vendas com o plástico verde. A empresa pretende lançar o Sundown com embalagem originada da matéria-prima no verão 2011/12. "Acreditamos que é um investimento natural que estamos fazendo na marca e não vamos repassar o custo ao consumidor", explicou o gerente de marketing do Sundown, Marcelo Scatolini.

A explicação para a resina verde ser mais cara envolve o custo do etanol e o conceito do produto. A Braskem, que detém esse monopólio, afirma que o custo de fabricação da matéria-prima, em geral, não é maior do que o da produção da resina proveniente do petróleo. Segundo a empresa, a resina verde é a mais barata dentre os biopolímeros (polímeros de origem renovável ou biodegradável), devido ao processo e da escala da produção. "Há muita especulação em torno dos custos. Não dá pra comparar com a resina comum, é outra coisa. Quem vai comprar a verde procura algo diferente", enfatizou o vice-presidente de negócios internacionais da Braskem, Luiz Mendonça.

A fábrica - localizada na cidade de Triunfo (RS) e inaugurada em setembro do ano passado - produz o eteno a partir da desidratação do etanol da cana-de-açúcar. O produto químico depois passa por uma polimerização para ser transformado em polietileno, um dos plásticos mais utilizados no mundo. Absorvendo investimentos de cerca de US\$ 290 milhões, a capacidade de produção de polietileno verde da unidade da Braskem é de 200 mil toneladas.

Diante da demanda, a empresa já vê a possibilidade de ampliar os investimentos nessa área. Um dos pedidos que ela tem recebido, por exemplo, é para o fornecimento de eteno verde antes da transformação, para que os clientes possam fabricar o químico que quiserem. "Esse

pode ser nosso próximo investimento. Queremos transformar esse negócio em alguns bilhões de dólares. Hoje já são centenas de milhões de dólares", afirmou Mendonça.

Fonte: Valor Econômico

Mercado de distribuição de resinas plásticas deve faturar 15% a mais em 2011

Na última sexta-feira (15) a Associação Brasileira dos Distribuidores de Resinas Plásticas (Adirplast) divulgou estudo realizado em conjunto com a Maxiquim, no qual apurou que, em 2011, o setor de resinas plásticas deverá aumentar o faturamento em 15% em 2011, chegando a um montante de R\$ 2,8 bilhões. Os dados também apontaram que o volume de vendas de resinas no País deve subir 4,2% neste ano. Outros dados apontados pela entidade no evento mostram que, apesar da crise econômica mundial e da instabilidade dos preços dos derivados do petróleo, o preço médio das resinas plásticas manteve-se bastante estável nos últimos anos. Além disso, o aumento do consumo aparente das resinas plásticas no país pulou das 5.194 kt comercializadas em 2009 para 5.411 kt, neste último ano. Com isso, o mercado acumula nos últimos cinco anos um crescimento de vendas da ordem de 20%. As entidades verificaram que PE e PP (Polietileno e Polipropileno) ainda estão entre as resinas plásticas mais consumidas no País, com 84% do volume total comercializado e, entre as aplicações, o setor de embalagens fica com 52% das resinas vendidas.

Fonte: redação do Leia!

Maior competitividade do Comperj

Diante da abundante oferta de petróleo e gás natural proveniente do pré-sal, a Petrobras tem cedido às pressões feitas pela Braskem para que o Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (Comperj) seja alterado. Como resultado, o perfil do polo passou por mudanças substanciais nos últimos meses, o que o tornará ainda mais competitivo na função de fornecedor da cadeia petroquímica nacional. A mais recente mudança promovida pela Petrobras no Comperj foi comunicada, no início deste mês, pelo diretor de Abastecimento da estatal, Paulo Roberto Costa. Em vez do petróleo, as linhas de produção de petroquímicos do complexo serão abastecidas por gás natural. A proposta havia sido defendida semanas antes pela direção da Braskem, empresa controlada em parceria pela Petrobras e pela Odebrecht. Devido a essa nova fronteira energética, o polo que inicialmente seria abastecido por óleo pesado foi alterado para receber óleo leve - outro pedido feito pela Braskem. A próxima mudança, também cogitada pela Braskem, poderia ser a criação de um sistema flexível no Comperj. A estrutura já existe em outros mercados, com destaque para os Estados Unidos, e consiste na criação de polos petroquímicos que podem ser atendidos por diferentes insumos - no caso, o gás natural e a nafta, principal matéria-prima da petroquímica nacional até o momento. Com esse modelo, a Braskem poderia migrar de um insumo para o outro, conforme a competitividade e disponibilidade de cada um deles. Conseguiria, dessa forma, ter uma estrutura base de gás competitiva, como a que está sendo estudada para os mercados do México e Peru, e ainda poderia se beneficiar futuramente do aumento da oferta de petróleo no pré-sal. Ao mesmo tempo, auxiliaria a Petrobras a equacionar o problema de aumento da oferta de gás em território nacional, reforçando a estratégia de usar o setor químico e petroquímico, para absorver parte expressiva do crescimento de produção, no curto e médio prazo.

Fonte: Agência Estado.

Abief anuncia nova diretoria

Tomou posse na última quinta-feira (14), a diretoria da Associação Brasileira da Indústria de Embalagens Plásticas Flexíveis, reeleita para o exercício de 2011/2013. O presidente da entidade continua sendo Alfredo Schmitt, da FFS Filmes. Fazem parte da diretoria ABIEF – Exercício 2011/2013 1º Vice-Presidente Hermes Elias Moura, da Lord; 2º Vice-Presidente, Alberto Geronimi, da Tecnoval; 3º Vice-presidente, Israel Sverner, da Electro Plastic; 4º Vice-Presidente, Beni Adler, da Nobelplast; 1º Secretário, Dov Gerzgorin, da Packfilm e o 2º Secretário, Eli Kattan, da Zaraplast.

Fonte: Embalagem Marca.

Plastivida contesta Lei que proíbe sacolas plásticas em BH

Começa a valer, nesta segunda-feira (18), a Lei 9.529/2008, que determina a substituição dos modelos convencionais, à base de petróleo, pelos feitos de material biodegradável ou retornável. A medida promete mudar radicalmente os hábitos dos 2,3 milhões de moradores da capital e levanta uma pergunta que não quer calar: será que ela vai pegar? A dúvida se justifica

por um gordo histórico de leis adormecidas no papel. Minas Gerais, se consideradas somente as normas estaduais, ganhou 660 novas regras apenas no período entre 2007 e 2010, que se somaram às mais de 12 mil já existentes. Resta saber agora em qual time a proibição das sacolas plásticas vai entrar. Para o presidente do Plastivida Instituto Sócio Ambiental dos Plásticos, que batalha pelo descarte responsável do produto, Miguel Bahiense, do ponto de vista ambiental a lei já nasce fadada ao fracasso. "Estudo inglês mostra que, na produção de sacolas de plástico comum é produzido menos gás carbônico do que na de alternativas. Pesquisa Ibope mostra que 75% dos consumidores preferem a sacola convencional e 100% deles a usam para acondicionar o lixo. A questão é garantir a qualidade das sacolas de plásticos e educar o consumidor a usar apenas o necessário", afirma Bahiense. "Acredito que uma lei sai do papel quando tem embasamento técnico para isso e, nesse caso, a lei de BH não faz o menor sentido."

Fonte: O Estado de Minas

PepsiCo quer diversificar insumo para produzir PET

A norte-americana Pepsico quer reduzir a dependência do petróleo na produção de suas garrafas. Segundo a empresa, passará a usar a "garrafa verde", feita 100% de bio-base, com matérias-primas que incluem o capim, casca de pinheiro e milho. A Pepsico estima ampliar no futuro as fontes renováveis utilizadas para criar suas garrafas, incluindo cascas de laranja, de batata, de aveia e outros subprodutos agrícolas de nosso negócio de alimentos. Foram investidos alguns milhões de dólares, durante anos de pesquisa da nova embalagem. Nos últimos seis meses a empresa intensificou o foco no projeto, para viabilizar o teste piloto já para 2012, nos Estados Unidos. A multinacional afirma que o custo da garrafa à base de plantas estará em linha com a produção atual do frasco. O PET é formado por 30% de etileno, e 70% de tereftalato, criados a partir do petróleo. A Pepsico afirma que descobriu a fórmula para utilizar fonte 100% renovável.

Fonte: DCI.

Matérias Nacionais

Brasil pode adotar medidas agressivas para proteger fábricas

O ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Fernando Pimentel, admitiu na quarta-feira que o Brasil poderá adotar salvaguardas comerciais provisórias caso sejam constatados danos comerciais graves a algum setor da economia brasileira, em decorrência de importações desleais. Segundo ele, no entanto, a medida nunca foi utilizada no mundo por ser bastante agressiva e demandar um processo muito rigoroso de comprovação.

"Tomando um exemplo hipotético, se constatarmos que o setor siderúrgico está prestes a fechar as portas, poderíamos utilizar a salvaguarda, mas não é o caso e não há nenhum processo em aberto", afirmou.

O ministro confirmou que até existem pedidos por parte da Confederação Nacional da Indústria (CNI), mas somente se forem bem fundamentados darão início a investigações. "Nenhum país do mundo até hoje conseguiu usar esse instrumento, mas continuamos atentos à questão e poderemos utilizá-lo se for preciso", disse.

Segundo Pimentel, o Brasil continua aplicando medidas antidumping para tentar coibir casos pontuais de práticas ilegais de comércio. "É uma proteção da economia brasileira contra concorrência desleal. Temos de estar o tempo todo vigilantes e utilizar medidas que a Organização Mundial do Comércio nos autoriza", completou.

Pimentel admitiu que o real deverá continuar valorizado nos próximos anos, mas afirmou que o patamar atual está acima do ideal, pois prejudica a produção nacional e tira competitividade das mercadorias brasileiras. "Países fortes têm moedas fortes, não vamos esperar que o real caia de uma hora para outra. Agora, o real não deve estar em um patamar tão alto que prejudique a produção nacional", disse Pimentel.

Segundo ele, o governo continuará a combater a valorização excessiva da moeda. "Não posso dizer quais, porque não é a minha área, mas novas medidas serão adotadas pelo governo", completou.

Pimentel culpou as ações do governo norte-americano no sentido de desvalorizar o dólar para dar maior competitividade à sua economia, que ainda não conseguiu se desvencilhar por completo dos efeitos da crise financeira internacional.

O ministro afirmou que o Ex-Im Brasil deve sair do papel em maio ou junho deste ano. De acordo com ele, o banco de fomento ao comércio exterior já está praticamente pronto, mas ainda depende de uma decisão interna do governo para ser colocado em prática. "O Ex-Im será uma importante linha para financiar as exportações."

Fonte: DCI

Governo prevê crescimento de 5% do PIB em 2012

O projeto de Lei de Diretrizes Orçamentárias para 2012, encaminhado nesta sexta-feira (15), ao Congresso Nacional, prevê um crescimento da economia de 5% no próximo ano, ante expansão de 4,5% prevista para 2011. Para o período de 2013 e 2014, os parâmetros econômicos do Ministério do Planejamento projetam um crescimento real do PIB de 5,5%. Para o IPCA, o governo prevê que a inflação estará no centro da meta em 4,5% no próximo ano, enquanto estima uma variação acumulada do IPCA de 5% em 2011. Para 2013 e 2014, a projeção de IPCA acumulado é de 4,5%. A ministra do Planejamento, Miriam Belchior, afirmou há pouco que a aposta do governo é de que a inflação irá cair no segundo semestre deste ano. Por isso, os parâmetros econômicos considerados para elaboração da LDO de 2012 projetam um IPCA de 5% este ano e de 4,5% para 2012. "Claro que se a inflação se comportar para baixo ou para cima, a nossa projeção será revista", disse. A ministra afirmou que o governo foi austero na definição dos parâmetros econômicos usados para elaboração da LDO de 2012. Em relação à taxa de câmbio, cujas projeções preveem uma desvalorização do real nos próximos anos, ela disse que as estimativas estão próximas das de mercado. "As nossas projeções não estão muito diferentes do Focus (boletim de mercado divulgado semanalmente pelo BC) para 2012", afirmou. O governo estimou uma taxa de câmbio média de R\$ 1,69 este ano e de R\$ 1,76 por dólar em 2012. A cotação chega a R\$ 1,82 em 2013 e a R\$ 1,86, em 2014, pelas projeções usadas pelo ministério do Planejamento.

Fonte: O Estado de S. Paulo.

Rio de Janeiro planeja ser 'capital do petróleo'

Assim como a americana Houston, a norueguesa Stavanger e a escocesa Aberdeen, o Rio de Janeiro quer ser reconhecido como uma das capitais do petróleo no Ocidente, isso por que, o Estado é sede da Petrobras e de outras grandes empresas do setor e já produz cerca de 80% de todo o petróleo brasileiro. Como ponto de partida, pela primeira vez, o Rio de Janeiro terá um estande oficial no Offshore Technology Conference (OTC) – maior evento da indústria do petróleo. De acordo com um recente estudo da consultoria Booz & Company, diante do novo ciclo da indústria do petróleo brasileira desencadeado pela descoberta do pré-sal, as empresas estão revendo seus planos de crescimento orgânico e planejando saltos mais rápidos. Também segundo o estudo, os obstáculos que podem interferir na conquista fluminense, estão relacionados principalmente ao transporte público, às telecomunicações, altos preços de imóveis e segurança pública.

Fonte: Valor Econômico.

Agenda

Café da manhã da Abief

A Associação Brasileira da Indústria de Embalagens Plásticas Flexíveis (Abief) promoverá, no dia 26 de abril, a palestra "Do lixo à matéria-prima: uma nova perspectiva para as embalagens", com o presidente da TerraCycle no Brasil, Guilherme Brammer. Informações pelo telefone (11) 3032-4092 ou pelo e-mail: abief@abief.org.br

Brasilplast 2011

Começam os preparativos para a 13ª edição da Brasilplast, a principal feira do setor do Plástico na América do Sul, que acontece entre os dias 9 e 13 de maio, no Pavilhão de Exposições do Anhembi, em São Paulo. O evento contará com cerca de 1.300 expositores, de 30 países e

espera um público em torno de 65 mil visitantes/compradores, de 60 países. O evento é realizado pela Reed Exhibitions Alcântara Machado. O Siresp apoia esta iniciativa. Mais informações no site www.brasilplast.com.br.



WBC COMUNICAÇÃO
Fone/Fax: 41 32470569 - Celulares: 41 91687816 - 41 91328135
E-mail: wbc@sulbbs.com.br